

Em transferência com o mundo

Entrevista com

Jansy Berndt de Souza Mello¹

Em Brasília, somos surpreendidos a todo o momento com o contraste entre o claro e o escuro. É assim ao entrar na catedral da cidade projetada por Oscar Niemeyer e foi assim, também, que encontramos Jansy, em sua casa, para esta entrevista. A intensa luminosidade do meio da tarde incide no portão de entrada da sua casa, logo depois, passamos para uma sala, com tapetes, pinturas a óleo, esculturas e móveis de madeira escura.

Jansy aparenta um semblante de satisfação em nos receber e com voz e movimentos cuidadosos, nos encaminha para uma varanda de onde se pode ver um amplo e ensolarado gramado que emoldura uma pequena piscina.

Ela nos acomoda em torno de uma mesa farta de pães, queijos e doces. Enquanto seus netos se dividiam entre um quebra-cabeça de mais de 8.000 peças, ela fala do temperamento de pelo menos três gatos que, aos poucos, se aproximam da mesa, como se fossem participar de alguma maneira da entrevista sobre a experiência de Jansy com a psicanálise.

Por essa mesma casa, de uma rua sem saída, passaram alguns nomes consagrados. Entre eles Wilfried Bion, André Green e Armando Ferrari. Jansy foi a tradutora de todos eles quando estiveram por longas temporadas em Brasília. Duas das conferências feita por Bion quando esteve na cidade, traduzidas por Jansy foram republicadas nesta edição da *Alter*.

Carioca, uma das fundadoras da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SBBSb), Jansy atende poucas pessoas no consultório instalado em um cômodo da sua casa, dedica-se a cuidar dos netos e a escrever sobre arte e psicanálise que exerce há 40 anos.

1 Realizada em julho de 2021, por Carlos Wilson de Andrade Filho, Regina Lúcia Braga Mota e Veridiana Canezin Guimarães.

Alter – Foi difícil lidar com Bion e Green em Brasília?

J – Primeiro, Green pareceu complicado, depois uma flor. Muito competente. Fez supervisão para um grupo daqui e ninguém apresentou material clínico, então, ele apresentava e dava supervisão nele mesmo. Essas experiências com eles são interessantes! Bion era mais uniforme, estive aqui três vezes, graças a Virgínia Bicudo.

Alter – Por que, em determinado momento, você saiu da Sociedade de Psicanálise de Brasília?

J – Foram vários os motivos pelos quais pedi para sair, mas um deles foi porque eu discordava dos critérios de seleção dos candidatos. Acho que se não houver critérios rigorosos estabelecidos em estatuto, e saber quem você vai acolher, não tem jeito.

Alter – O que se pode esperar de um candidato à formação psicanalítica?

J – A primeira qualidade que se espera de um candidato à formação analítica é que ele seja uma pessoa amorosa, no sentido de ser capaz de se dar ao outro, de sofrer pelo outro, mas de amar a si própria. É um equilíbrio entre amar a si própria e amar o outro, tem que ter os dois lados. A segunda é ter o mínimo de inteligência emocional e intelectual. Com isso já se constrói alguma coisa.

Outra qualidade que eu veria num candidato seria a disponibilidade de mudar de perspectiva de, como chamaria Bion, vértice. Olhar por um ângulo e olhar por outro. Não se apegar a estereótipos ou premissas como “Sem memória, sem desejo, sem compreensão”, como dizem os bionianos, ou “O desejo do homem é o desejo do outro” e “Não há relação sexual”, como dizem os lacanianos. Essas coisas são a morte da psicanálise, do homem, do que quer que seja.

Alter – Você poderia falar um pouco da formação, da função analítica e do desenvolvimento do pensar analítico?

J – Temos que pensar um pouquinho além do que é a psicanálise no padrão da IPA (International Psychoanalytical Association). Penso que há tantas psicanálises possíveis quanto psicanalistas de coração e com alguma

cultura, sem necessariamente estar em uma instituição. Para Bion, estar em uma instituição era fundamental, fazia parte do crescimento, assim como a análise individual. Não era nem o tripé (aula, supervisão e análise individual). É claro que ele começou seu trabalho como psicanalista trabalhando sem ser psicanalista, como psiquiatra, com grupos. Ele nunca abandonou os grupos, dizia que uma sessão de psicanálise é um grupo de dois que obedecia os critérios da teoria de grupo dele: suposto básico, grupo de dependência e grupo messiânico. Na sessão havia um rodízio de posições em que o paciente e o analista entravam nessa mentalidade de grupo, então o grupo estava sempre presente.

Alter – E esse interesse pelo humano, na interlocução da psicanálise com outras áreas do conhecimento como literatura, arte, filosofia e sociologia?

J – Não pode ser imposto, quem queria ser junguiano, no começo, tinha que estudar até arqueologia e entender os arquétipos. Não acho que vale a pena ter um pré-requisito de cultura, mas pode haver estímulo para a cultura. Eu não faria nada obrigatório, mas há de se oferecer oportunidades de contato com as culturas e seus representantes.

Alter – Hoje estamos em uma situação de fazer análise online. Você acha que essa análise perde algo em relação a esse aspecto sensorial-perceptivo?

J – Não vou dizer que a “verdadeira psicanálise” é a presencial, mas existe uma psicanálise de um jeito presencial e existe outra psicanálise que se faz por computador, ou mesmo por carta! Freud não fez sua análise com Fliess? De alguma forma funciona. Se falarmos de “benefício mútuo” eu diria que há uma grande vantagem em se fazer pela Internet, é conveniente. Não acho que o divã, por exemplo, seja indispensável, mas para mim é, porque ficar sob o olhar da pessoa em atendimento é insuportável, uma vez que você precisa se mexer. Tudo é interpretável e pode ser persecutório também. O divã é uma comodidade para mim, se acreditam que o divã é bom, não sou eu que vou desmentir. Para mim é, mas isso é pessoal.

Alter – Como você vê a questão da transferência, tanto na análise online quanto na presencial?

J – Eu acho que hoje a transferência existe, mas nós estamos perdidos para trabalhar com ela. A transferência existe na relação da paciente com o ginecologista, ou com o cirurgião, a transferência está acontecendo ali. Qual é a diferença da transferência em análise?

Alter – Freud não inventou a transferência, mas ela tornou-se um instrumento de acesso ao inconsciente.

J – Sim, mas para o médico também. Para mim esse é um dos elementos definidores da psicanálise. Quando a transferência ocorre na psicanálise é um instrumento de trabalho do psicanalista, e é sobre ela que ele fará as interpretações. Então, você está em transferência com o mundo, até Freud podia estar em transferência com o Schereber e, de alguma forma, desconhecer por que ele estava cativado pelo Schereber. Agora não havia troca nesse caso, o que é o principal numa psicanálise. A transferência precisa existir e ser trabalhada.

Alter – Ferenczi em “Elasticidade da técnica psicanalítica” (1928) já pensava nas mudanças da técnica. Você poderia falar um pouco sobre o papel do objeto externo? Essa é a ideia de Ferenczi, pois ele aborda a questão da importância da realidade, e não só da fantasia, pois não são perspectivas excludentes.

J – Quando falamos objeto, nos situamos como se fosse algo sólido, um objeto pode ser a instituição, a instituição psicanalítica é uma unidade dentro do trabalho da psicanálise, de modo geral, uma mãe suficientemente boa. Então é uma realidade e tem o quê? A percepção da instituição ao nível da fantasia e da transferência. Eu vejo tudo muito junto. Não consigo separar. Você faz a fantasia e tem a realidade externa. Como seria outra realidade externa na sessão? Muita coisa que não captamos, mas que existe.

Alter – Qual é o jeito Jansy de fazer psicanálise?

J – Minhas marcas vêm da minha própria análise com Felix Gimenes. Ele era kleiniano e curtiu muito Bion, que era kleiniano.

Então minha alma é kleiniana. No começo, quando tive mais contato com Bion, mesmo sem querer ser bioniana, eu o achava divertido, místico demais, complicado demais para a prática, mas, de repente, eu acabei bioniana sem o título. O que incorporei dele e que eu achava admirável é o que hoje pode-se chamar de “aspecto místico”. Mas a forma de começar a regular a percepção nesse aspecto é extremamente cansativa. Por exemplo, ao abrir a porta para um paciente, era uma época em que todos estendiam a mão, eu ia estender a mão para ele quando, então, ele segurou na minha mão e deu uma espécie de salto como se estivesse entrando em um ambiente diferente. Eu vi pelo seu olhar, e pelo pulo que deu, que havia uma espécie de flutuação entre a porta do meu consultório e a porta da minha sala de espera, como se ele, ao pular de um espaço para o outro, ele corresse perigo. Essa já é uma percepção, digamos, de um trabalho com Bion. Mas suportar isso por 50 minutos não é fácil. Com o tempo, preferi não ser tão bioniana, não ficar tão sem memória e sem desejo, porque você fica à mercê. A psicanálise de Bion é a psicanálise do desconhecido. Nela você fica à mercê do desconhecido, e no final não tem muita diferença entre o analisando e eu. Eu passava pelos momentos esquizoparanoides, de desorientação. Era bem exaustivo, muito difícil e, portanto, preferi abrandar. Como é o abrandamento? O abrandamento é: mandar entrar, deitar, ouvir. Não há tabu de não falar.

Há uma flexibilização no contato, mas quem dita o que irá acontecer é o paciente, e se ele quiser que não aconteça nada eu interpreto sem nomear. Nunca usei termos técnicos; poderia usar, mas não tenho esse hábito.

Alter – O que mais chamou sua atenção nesses 40 anos de consultório?

J – A psicanálise que eu conheci já acabou há muito tempo. Eu tenho um certo cuidado para não falar “sempre” ou “nunca”. Sempre eu posso, porque é meu hábito, mas eu não posso dizer: “sempre vá pela luz”. Acho absurdo todo mundo dar conselhos no Facebook como “é preciso”, “você deve”, “se você quiser ser feliz”, todo mundo sabe tudo, todo mundo dá as receitas de forma categórica. A minha experiência diz que precisamos desse cuidado de usar vírgulas e parênteses. Para

Bion, a psicanálise era uma coisa em si, ele estava desanimado com a psicanálise, eu captei isso. Ele dizia que a psicanálise, como uma coisa em si, pode desaparecer, mas ela ressurgue. Eu não acho que a psicanálise seja uma coisa em si, mas a ideia dele é interessante. Acho que o inconsciente é tão poderoso que um dia, tudo pode ser redescoberto, cercado e reaproveitado porque o nosso grande trabalho é a transferência inconsciente. E se isso estiver se dissolvendo, surgirá alguém com um chicote e com uma corda e vai fazer, não na minha geração, mas pode ser na de vocês.